

O QUE PODE A ALEGRIA? OU CONFLUÊNCIA AFETIVA¹

WHAT CAN JOY DO? OR AFFECTIVE CONFLUENCE

Pedro Gonçalves

Serviço Social da Indústria, PR, Brasil

Doutor em Filosofia (UFPR)

Professor EJA/SESI-PR

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i2.87> Recebido em: 18.7.2024 Aceito em: 12.11.2024

Resumo: O que poderíamos querer ou imaginar dessa “perfeição maior” da qual nos fala Espinosa? Desse movimento de passagem? Se a vida não tem fim, ela pode ficar mais triste e é a isso que nos recusamos. Então, vamos nos lembrar do que nos falava Espinosa, ele mesmo, em sua *Ética*. Aquela perfeição maior de Espinosa está longe, na nossa interpretação, de pódios, de disputas meritocráticas ou de olimpíadas da desgraça, mas na perfeição que é celebrar, louvar mesmo a existência e a possibilidade de congregarmos vida e firmarmos o acontecimento. E tudo aquilo que almejamos é capaz de encontrarmos – tanto para o bem quanto para o mal.

Palavras-chave: Vida; Alegria; Espinosa.

Abstract: What could we want or imagine from this “greater perfection” that Spinoza tells us about? Of this passing movement? If life has no end, it can get sadder and that’s what we refuse. So, let’s remember what Spinoza himself told us in his Ethics. That greater perfection of Spinoza is far, in our interpretation, from podiums, meritocratic disputes or Olympics of misfortune, but in the perfection that is celebrating, even praising the existence and the possibility of bringing together life and establishing the event. And everything we desire we can find – both for good and for bad.

Keywords: Life; Happiness; Spinoza.

Em primeiro lugar, agradeço o convite do Instituto e celebro a memória de Miroslav Milovic, Nêgo Bispo e, muito especialmente, Paulo Vinícius Baptista da Silva - este a quem dedico o presente ensaio. Louvo a existência de Marco Valentim e Ana Fellner, meus queridos companheiros. O primeiro a me orientar desde a graduação em filosofia, nos idos de 2013, e a última quem me ensinou que *corazonar* é o que importa. Axé!

Fiquei pensando no que poderia contribuir num evento de tamanha importância para o cenário filosófico brasileiro e ainda mais, com uma mesa onde tenho a chance de estar não apenas entre amigos, mas entre dois filósofos da maior importância e da maior grandeza. Pela alegria do convite, pela alegria do momento e pela alegria da vida, acho que falarei um pouco dela, a Alegria. Falar sobre Alegria é, sobretudo, invocá-la!

Desde alguns anos, especialmente do final da graduação, passando pelos meus estudos no mestrado e até a metade do doutorado, tenho me deparado na trajetória da minha formação intelectual e política com inúmeras desgraças, intermináveis lamentações e muitas cargas de

¹ Texto para o IV Congresso Internacional Miroslav Milovic – 11 de novembro de 2024. Mesa de abertura “Diálogos Contracoloniais”, com Ana Fellner e Marco Valentim.



tristeza, seja por este mundo tal qual o conhecemos, seja pelas recentes tragédias sociais, sanitárias e humanitárias, seja por tudo aquilo que faz com que cheguemos a questionar se alguma coisa ainda vale a pena. Então, recusando todo este tipo de tragédia enunciativa que limita nossa própria vontade de existir e somar para que a vida aconteça sem temor, pensei que seria a hora de pensar em Alegria. Pois bem, é pensando e desejando arduamente que ela se faça presente, que começarei contando um Itan... Peço licença então aos Ibejis, ao Folhinho Verde, Oni Ibeijada, para contar deles...

Os Ibejis enganam a morte²

Conta o Itan que a Morte havia espalhado muitas armadilhas e levava consigo a vida de vários humanos, numa verdadeira fome sem fim. Várias foram as pessoas que se reuniram para tentar parar essa fome sem tamanho e todos os que tentaram foram sorvidos por suas artimanhas e armadilhas. Foi então que os Ibejis traçaram um plano: um irmão caminhará pela trilha ardilosa da morte tocando seu tambor e cantando enquanto o outro irmão o seguiria escondido, dentro do mato. A Morte ficou maravilhada com a alegria e a festa expressadas pela presença musical de um dos irmãos e começou a dançar sem parar. Quando o primeiro irmão se cansou, o outro rapidamente tomou a frente do tambor e continuou a festa, sem que a morte percebesse a troca e assim, continuou dançando sem parar até cair em exaustão e implorou para que a música e a festa passassem, pois não conseguia parar de dançar. Então, os Ibejis combinaram com a Morte que se ela retirasse todas as armadilhas, a música cessaria. Então, sem saída, a Morte aceitou e os Orixás Meninos, os Orixás Erês – com seu poder mágico da Alegria das crianças -, foram os únicos que conseguiram fazer a Morte parar de matar. São poderosos os Ibejis, mas o que eles querem mesmo é brincar. Oni Ibeijada!

Percebamos o que nos ensinam os brincantes Erês: a festa é a condição de possibilidade de negociações cosmopolíticas que fazem cessar, de algum jeito, a morte. Aprendemos com Nêgo Bispo (2023, p. 44) que “a festa é mais forte que a Lei”. A festa não como um acontecimento sem regras, onde tudo pode. Nada disso. A festa compartilhada, celebrada no mistério mesmo que é nos dispormos vivas todos os dias, querendo algo sempre melhor do que hoje alcançamos com nossas mãos.

Uma parte das tristezas, no registro da filosofia, advém daquele mau encontro do qual nos falava Pierre Clastres (2014), em que se inaugurou um tipo de mundo muito propenso às limitações de existência de alguns para uma salvaguarda ontológica cheeia de identitarismos pretensamente universais e universalizáveis daquele grande Outro, que passaria a dizer, a legiferar, a determinar as condições de possibilidade de vida dos demais que, infelizmente, caem de compartilhar mundo com aqueles.

Em suma, as tristezas podem ser creditadas ao que o prof. Miroslav Milovic, em entrevista sobre seu livro *Comunidade da Diferença*, considera, a saber:

A Modernidade é uma forma da Identidade, da nivelação, mediocrização que

² Este Itan e outros podem ser consultados em sua versão integral e original, tais como foram coligidos pelo autor, em: PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

apaga com as possibilidades da Diferença. A cultura global, como a consequência da Modernidade é um exemplo disso. Estamos na sombra hegeliana, vivendo o fim da história, onde a nossa vida só tem sentido como a reprodução do passado. Futuro do capitalismo é o passado da história. É o mundo sem futuro. Precisamos repensar isso, nos confrontar para que seja possível nossa autenticidade. (MILOVIC, 2008).

Tal autenticidade de que nos fala o professor Milovic, como a interpreto e já afastando do meu desejo qualquer laivo a um certo viés heideggeriano, vai ao encontro de um desejo mesmo de autodeterminação, capacidade de coalizões, alianças, tratos, pactos, revelações, sonhos, reorganizações e vivências do comum, em comunidade, para reafirmarmos a alegria como motor da vida. Falo em comunidade ancorado naquilo que Sobonfu Somé, em sua magistral obra *Espírito da Intimidade*, nos exorta.

Para os Dagara (povo em Burkina Faso) o sentimento de pertencimento a uma comunidade é imprescindível para realização de quaisquer tarefas e a carência de comunidade, de pertencimento torna “a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham” (SOMÉ, 2003, p. 35). Tão logo,

a falta de comunidade deixa muitas pessoas com maravilhosas contribuições a fazer sem ter onde desaguar seus dons, sem saber onde pô-los. Quando não descarregamos nossos dons, vivenciamos um bloqueio interior que nos afeta espiritualmente, mental e fisicamente, de muitas formas diferentes (SOMÉ, 2003, p. 36).

Este trabalho coletivo, em comunidade, vibra com aquele princípio contracolonial de não aceitarmos mais sermos subjugadas pelos venenos colonialistas que se entranham em nossa carne, nosso espírito e nosso pensamento. Veneno que vai nos tornando individuais, isolados, separados, num apartheid da nossa vida com a nossa casa em comum, que congregamos vida e alegria. Assim, se ainda quisermos de fato insistir no princípio da Alegria, chegaremos ao sentimento que “é muito mais interessante pensar como vamos cuidar de outra vida quando ela está precisando de cuidado” (SANTOS, 2023, p. 70), porque “somos povos de trajetórias, somos da circularidade: começo, meio, começo. As nossas vidas não têm fim” (SANTOS, 2023, p. 102).

Se a vida não tem fim, ela pode ficar mais triste e é a isso que nos recusamos. Então, vamos nos lembrar do que nos falava Espinosa, ele mesmo, em sua *Ética*.

Na Proposição XI constante na parte III de sua obra, a saber, “Da origem e da natureza das afecções”, nosso filósofo considera que, “se uma coisa aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de agir do nosso corpo, a ideia dessa mesma coisa aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de pensar da nossa alma” (ESPINOSA, 1973, p. 285). E, no Escólio da proposição supracitada, Espinosa considera: “assim, por alegria, entenderei (...) a paixão pela qual a alma *passa* a uma perfeição maior (ESPINOSA, 1973, p. 285).

O que poderíamos querer ou imaginar dessa “perfeição maior” da qual nos fala Espinosa? Desse movimento de passagem? Na Demonstração da Proposição LIX, referindo-se às afecções da alma quando ativa, Espinosa diz, ainda, sobre a alegria, desta vez à página 322, que:

Todas as afecções se referem ao desejo, à alegria ou à tristeza [...]. Ora, por tristeza entendemos o que diminui ou entrava a capacidade de pensar da alma e, por

consequência, na medida em que a alma está triste, a sua capacidade de conhecer, isto é, a sua capacidade de *agir*, é diminuída ou contrariada; por consequência, nenhuma afecções de tristeza podem ser referidas à alma enquanto ela é ativa, mas somente as afecções de alegria e desejo se referem à alma, considerada como tiva. (ESPINOSA, 1973, p. 322).

Já na parte IV, “Da servidão humana ou das forças das afecções”, quando trata do corpo, Espinosa afirma que “a alegria é uma afecção pela qual se aumenta ou favorece a potência de agir do *corpo* [...], por conseguinte, a alegria é diretamente boa”. (ESPINOSA, 1973, p. 373, grifo nosso).

Revisitando Frantz Fanon (2008) que conclamava, nas linhas finais do seu magistral *Pele Negra, Máscaras brancas*, o seu corpo a questionar, então, que sejamos corpos que questionamos o motivo de ainda não podermos viver em Alegria. E a alegria como um princípio, como uma vontade. Sendo um lampejo, um estado mais prolongado ou uma utopia.

Então, aquela perfeição maior de Espinosa está longe, na nossa interpretação, de pódios, de disputas meritocráticas ou de olimpíadas da desgraça, mas na perfeição que é celebrar, louvar mesmo a existência e a possibilidade de congregarmos vida e firmarmos o acontecimento. E tudo aquilo que almejamos é capaz de encontrarmos – tanto para o bem quanto para o mal.

E se em comunidade (Somé), em festa (Bispo), em alegria ativa e transformadora (Espinosa) podemos alcançar com o coração o que a mão ainda não toca (como diz o belíssimo samba Força da Imaginação – cantado na voz de Dona Ivone Lara), prestemos atenção naquilo que pode - como Marco Valentim nos mostra -, a magia, diante da força da “relação entre pensamento e ambiente, antropia e entropia, espírito e fogo” (VALENTIM, 2024, p. 110).

Ou seja, se pelas colonizações espirituais somos possuídos pelo desejo dominador, exterminador, moedor de possibilidades além desta a que somos obrigados a conviver e que nos leva às catástrofes, à cosmofofia, ao eco-genocídio das máquinas que estão neste momento, em Curitiba, aqui na minha vizinhança a 3 quarteirões de distância cortando mais de 620 árvores nativas de forma arbitrariamente truculenta e autoritária – árvores mundo que são morada de sanhaços azuis, carcarás, sabiás, borboletas, grilos, gavião-macaco, formigas, beija-flor, bem-te-vi, periquito verde, pombas zenaidas, canarinhos, lagartas, almas-de-caboclo para a construção de um mini terminal de ônibus que vai economizar, vejam, 8 minutos de transporte coletivo (como se o problema de fato fosse só esse), se a gente tá imersa em toda essa tristeza, a magia, o sigilo, a gira, a incorporação, em suma, o mundo, pode muito mais.

Fiquemos, então, com o pensamento da filósofa Starhawk que encerra o belo ensaio do Marco:

O mundo é um espaço fluído e dinâmico de energia. A energia pode ser direcionada por meio da vontade [def. magia] e da consciência humanas. E elas direcionam energia por meio de imagens que nos tocam, imagens sensoriais, emocionais, mais do que apenas intelectuais, de acordo com aquilo que desejamos. Precisamos de uma imagem daquilo que desejamos (*Apud* Valentim, 2024, p. 110).

E, por que não, terminar com Clarice Lispector, quando da “Primavera ao correr da máquina”, em *A descoberta do Mundo*:

E que eu não esqueça, nessa minha fina luta travada, que o mais difícil de se entender é a alegria. Que eu não esqueça que a subida mais escarpada, e mais à

mercê dos ventos, é sorrir de alegria. E que por isso e aquilo é que menos tem cabido em mim: a delicadeza infinita da alegria. (LISPECTOR, 2015, p. 24)

Que a alegria seja compartilhada e que, para tanto, nos esforcemos.

Obrigado!

Referências

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**. Pesquisas de Antropologia Política. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Demonstrada à maneira dos geômetras. Tradução de Joaquim de Carvalho. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu/PISEAGRAMA, 2023.

MILOVIC, Miroslav. **Entrevista com o filósofo Miroslav Milovic**. Entrevista concedida a Will Goya. Blog Só Filosofia, 2008. Disponível em: https://filosofia.com.br/vi_entr.php?id=21
Acesso em 10 de novembro de 2024.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu/PISEAGRAMA, 2023.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de viver em harmonia. São Paulo: Editora Odysseus, 2003.

VALENTIM, Marco Antonio. **Antropoceno e Termodinâmica do Pensamento**: introdução à antropologia. 1ª ed. Florianópolis: Desterro; Cultura e Barbárie, 2024.